



# XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **18/06/2019**

Aprovado em: **26/06/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.02.08>

PESQUISA APLICADA NO QUINGOMA: DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA AO TURISMO DE BASE  
COMUNITÁRIA

EIXO: 2. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS AFIRMATIVAS

TASSIO SIMOES CARDOSO, ALBERTO VIANA DE CAMPOS FILHO, REJANE PEREIRA  
RODRIGUES

---

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho é demonstrar o potencial da pesquisa aplicada no Quingoma, comunidade Quilombola localizada no município de Lauro de Freitas, que ao evidenciar as práticas sociais quilombolas, contribui com o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária. Para atender ao objetivo desse artigo, desenvolvemos, no primeiro momento, uma pesquisa de abordagem bibliográfica/documental no qual recorreremos a textos de artigos, livros e documentos oficiais e, no segundo momento, utilizamos a observação participante como dispositivo para a imersão na comunidade. Assim, propomos o Turismo de Base Comunitária como uma estratégia de desenvolvimento local sustentável.

Palavras chave: Comunidade Quilombola. Turismo de Base Comunitária. Pesquisa Aplicada.

**ABSTRACT:** The objective of this work is to demonstrate the potential of applied research in Quingoma, a Quilombola community located in the municipality of Lauro de Freitas, which, by highlighting the quilombola social practices, contributes to the development of Community Based Tourism. In order to meet the objective of this article, we developed, in the first moment, a bibliographical / documentary approach in which we resorted to texts of articles, books and official documents and, in the second moment, we use participant observation as a device for immersion in the community. Thus, we propose Community Based Tourism as a sustainable local development strategy. **Keywords:** Quilombola Community. Community Based Tourism. Applied research.

**RESUMEN:** El objetivo de este trabajo es demostrar el potencial de la investigación aplicada en el Quingoma, comunidad Quilombola ubicada en el municipio de Lauro de Freitas, que al evidenciar las prácticas sociales quilombolas, contribuye con el desarrollo del Turismo de Base Comunitaria. Para atender al objetivo de este artículo, desarrollamos, en el primer momento, una investigación de abordaje bibliográfico / documental en el que recurrimos a textos de artículos, libros y documentos oficiales y, en el segundo momento, utilizamos la observación participante como dispositivo para la inmersión en la comunidad. Así, proponemos el Turismo de Base Comunitaria como una estrategia de desarrollo local sostenible. **Palabras clave:** Comunidad Quilombola. Turismo de Base Comunitaria. Búsqueda Aplicada.

## Notas iniciais.

Diante do desafio de construir uma educação na contemporaneidade que efetivamente reconheça as culturas, memórias, identidades e universos simbólicos dos educandos, faz-se cada mais necessário o desenvolvimento de pesquisas aplicadas, com refinada matriz epistemológica-teórica e rigor metodológico, capazes de contribuir com o desenvolvimento de técnicas, materiais, práticas e políticas públicas educacionais que atendam as demandas das comunidades escolares, sobretudo aquelas localizadas em áreas de vulnerabilidade social.

Diante do exposto, esse artigo origina-se de uma pesquisa aplicada, que foi construída no contexto do Mestrado de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), da Universidade Estadual da Bahia, intitulada “Vozes do Quingoma: processos formativos e tecnológicos como contributos para o diálogo entre currículos praticados e escolares”.

Essa pesquisa na UNEB investigou as práticas sociais[1] que emergem dos processos formativos e tecnológicos existentes na comunidade do Quingoma, localizada no município de Lauro de Freiras (BA), a fim de contribuir com o fortalecimento do diálogo entre comunidade e escola. O artigo também traz os olhares de outros dois pesquisadores que integram o Coletivo Quingoma que tecem novos conhecimentos à pesquisa original.

Sendo assim, o nosso objetivo é demonstrar o potencial da pesquisa aplicada no território quilombola, que ao evidenciar as práticas sociais locais, contribui para que o Turismo de Base Comunitária possa vir a ser uma estratégia de desenvolvimento local sustentável.

Para tal, **no primeiro momento** contextualizamos o território e a organização social e política do Quilombo Quingoma no tempo e no espaço vivido, marcando os impactos socioambientais provocados pela especulação imobiliária e a importância das práticas sociais e saberes locais como elementos de uma educação quilombola.

**No segundo momento**, à luz dos autores Andre e Luke(2015), Bartholo, (2009), Sansolo (2009) e outros, buscaremos construir as bases conceituais desse texto ao aproximar os constructos sobre pesquisa aplicada, Turismo de Base Comunitária, e desenvolvimento local sustentável.

**No terceiro momento**, apresentamos o desenho metodológico que guiou a investigação para construção desse texto, bem como as práticas político-pedagógicas, que perpassaram a educação quilombola, e que iniciaram na comunidade um processo de implantação do Turismo de Base Comunitária, finalizando com algumas considerações.

## 1. Contextualização do Quingoma: Espaços e Tempos vividos.

O território quilombola do Quingoma está localizado no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador-RMS, Território de Identidade RMS, Zona Turística Costa dos Coqueiros, Bahia. Embora apresente uma configuração rural ou aspectos de ruralidades, a área é classificada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) como “Área urbanizada de cidade”.

Esse território também faz parte da Área de Preservação Ambiental Joanes-Ipitanga (área total de 64.463 hectares), que abrange também os municípios de Camaçari, Simões Filho, São Francisco do Conde, Candeias, São Sebastião do Passé, Dias D’Ávila e Salvador.

Essa comunidade negra é marcada por contrastes sociais na qual o desemprego, a fome e a carência de políticas públicas impõem ao cotidiano vivido dos quilombolas inúmeros desafios. Mas ao mesmo

tempo é uma comunidade rica do ponto de vista cultural e histórico.

A organização espacial do território iniciou-se em tempos longínquos. De acordo com Cardoso (2018), a terra onde hoje está localizado o Quilombo indígena foi primeiramente habitada pelos povos indígenas Tapuias e Tupinambá. Vale destacar, que muitas destas comunidades ao longo do período colonial foram dizimadas ou escravizadas pelas forças bélicas de Garcia D'Ávila, em prol do projeto colonial, porém marcas destas culturas foram eternizadas, um exemplo disso são os nomes de importantes bairros de Lauro de Freitas que nos remete a ancestralidade ameríndia (Ipitanga, Itinga, Caji, Picuaia etc.).

Na contemporaneidade constatamos que além das famílias quilombolas, há a presença das etnias KaririXocó e Fulni-ô, que há mais de 20 anos fundaram a Reserva Thafene, um espaço sagrado de cooperação e solidariedade no qual os indígenas praticam diversas manifestações culturais como a produção do artesanato, o toré, a contação de histórias, a dança das onças etc. Ao longo do ano, sobretudo no mês de Abril, eles recebem visitantes de diversas partes da Bahia, especialmente estudantes e pesquisadores.

No tocante a tradição africana e afrobrasileira, segundo os estudos de Freitas (2008), os negros trazidos da África chegaram à região por volta do século XVIII para trabalhar como escravizados nos vários engenhos que se formaram ao longo do litoral norte. Como não suportavam o sistema de exploração e a negação da sua identidade cultural, fugiram para comunidades de resistência que se formaram nas redondezas da antiga Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga, atual Lauro de Freitas. (Ba). Vale ressaltar que uma das principais matriarcas da região costuma situar a formação do quilombo já no século XVI com a chegada dos primeiros agrupamentos de africanos da etnia Bantu.

É nesse contexto histórico de fortalecimento do tráfico negreiro que a tessitura social do Quingoma começa a ser formar: negros refugiados – oriundos basicamente da Fazenda Caji, Fazenda Sá e Fazenda Nossa Senhora da Conceição – buscavam, na mata fechada e no relevo acidentado da região, ressignificar suas práticas sociais e culturais numa trama de conflitos, sonhos e esperança. Para Reis (2003) o Quilombo era como um ajuntamento de emoções e práticas que envolviam “alegria, apreensão, correrias, conflito e morte”.

De acordo com os “mais velhos”, assim chamados na comunidade, para que os negros não fossem capturados pelos capitães do mato que estavam a serviço dos senhores de Engenho, eles evitavam sair durante o dia, acender fogueiras e, geralmente, cobriam os seus corpos com grandes folhas que funcionavam como uma espécie de camuflagem. Nesse sentido, eles buscavam a “invisibilidade” na densidade da Mata.

Nesse recorte, os estudos históricos e tradição oral indicam a presença indígena e negra na região desde tempos longínquos.

Os Quilombolas do Quingoma, no passado e na contemporaneidade, lutam pela liberdade de expressar a sua religiosidade, tradições, cantos, danças e formas de trabalho, o que faz desse território específico um local de resistência, sonho e fraternidade.

Durante o nosso processo de imersão na comunidade observamos que na tessitura social do Quilombo destacam-se famílias numerosas, chefiadas em sua maioria por mulheres, que, mesmo com baixa renda e instrução formal escassa, lutam pela preservação do território e manutenção da cultura local, enfrentando diariamente um Estado marcadamente racista, que se mostra ineficiente em assegurar necessidades básicas.

Em 2013, a comunidade recebeu a certificação de reconhecimento como território Quilombola, concedida pela Fundação Cultural Palmares; e no presente momento o INCRA busca assegurar o processo de regularização fundiária. Com base em informações obtidas por esse órgão, o processo de mobilização a favor da certificação se deu por meio de vários encontros realizados pelos Quilombolas e mediados por uma técnica contratada pelo Governo Federal. Nessas reuniões, a

comunidade discutiu o significado do reconhecimento de um território Quilombola. Esse processo foi conduzido por Rejane Pereira, líder comunitária, que tem na sua trajetória uma formação humanística, possivelmente oriunda da formação em pedagogia e de uma militância em defesa da justiça e da igualdade racial. Embora a comunidade esteja localizada numa área de preservação ambiental e inserida num território reconhecido como Quilombola, estas lideranças lutam contra os impactos socioambientais ocasionados pela especulação imobiliária. Esse último fenômeno é exemplificado pelos entraves provocados pela construção da Via Metropolitana, empreendimento do Governo do Estado da Bahia, em parceria com a Empresa Bahia Norte, que tem como objetivo melhorar a mobilidade urbana da região, desafogando o trânsito da Estrada do Coco. Orçado em 220 milhões de reais, a rodovia a ser construída possuiria uma extensão de 11,2 Km, ligando a Estrada do Coco à via Cia Aeroporto, passando pelo Quingoma e por outras comunidades da região. De acordo com Silva (2016), o conflito se intensificou com a aprovação de um Decreto que classificou as áreas da comunidade Quilombola como de utilidade pública, e, dessa forma, passível de desapropriação. A autora alega que a comunidade não foi consultada sobre o empreendimento e não teve acesso aos relatórios de impacto sobre o ambiente sociológico e natural, ferindo a legislação ambiental, que considera a participação pública no processo de licenciamento.

A relação da comunidade Quilombola com os empreendimentos imobiliários, os conflitos envolvendo a ausência de segurança, situações potencializadas em função do processo de regularização fundiária do Quilombo, a falta de saneamento básico e os problemas de saúde da população Quilombola, dentre outros fatores, são fenômenos sociais relevantes para compreensão dessa complexa realidade social. A partir da reflexão sobre tais fenômenos, pode-se inferir que a vida no Quingoma é marcada por desafios. A luta pela sobrevivência em um contexto de desigualdade e pobreza e a necessidade de preservação das práticas culturais que surgem num território constantemente ameaçado pela especulação imobiliária são apenas exemplos de obstáculos que afligem o cotidiano desse povo.

O quilombo ainda não tem uma política de promoção de moradia adequada, saneamento básico, segurança, saúde, educação, justiça social e de geração de trabalho e renda. Embora a comunidade esteja localizada numa área de preservação ambiental e inserida num território reconhecido como Quilombola pela Fundação Palmares, estas lideranças lutam contra a exploração do patrimônio histórico, cultural e ambiental, a concentração de renda, a espoliação do trabalhador, a mercantilização da cultura e contra os impactos socioambientais ocasionados pela especulação imobiliária.

Diante destas notas iniciais, formulamos a seguinte questão: Qual a importância da pesquisa aplicada para o desenvolvimento do TBC na localidade?

## **2. A pesquisa aplicada e Turismo de Base Comunitária**

Antes de referenciar as noções de pesquisa aplicada é importante situar o lugar de fala dos autores do presente artigo, como integrantes do Coletivo Quingoma. Tal coletivo é uma expressão da sociedade civil organizada que reúne representantes dos quilombolas, indígenas e professores/pesquisadores que atuam na localidade.

O autor é pesquisador da Universidade do Estado da Bahia e co-fundador do Coletivo Quingoma, bem como é professor de História da Rede Pública Estadual de Ensino. O coautor 1 é pesquisador do turismo de base comunitária e recém integrante do Coletivo Quingoma., e por fim, a coautora 2 é quilombola, moradora do território aludido, gestora educacional da Secretaria de Educação do Município de Lauro de Freitas e cofundadora do Coletivo Quingoma. Logo são sujeitos implicados na realidade estudada e que almejam sua transformação em caráter emancipatório.

Entende-se a partir desse olhar a comunidade também como sujeita, e portadora de conhecimentos, e

não objeto de estudo. Concorde-se com ANDRÉ & LÜDKE (2015) quando abordam a pesquisa em educação que:

[...] é pelo seu trabalho como pesquisador que o conhecimento específico do assunto vai crescer, mas esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive e principalmente com as suas definições políticas...(ANDRÉ, M.;LÜDKE, M., 2015, p.5)

Fleury e Werlang (2017) apresentam que a pesquisa aplicada tem como foco os problemas presentes nas atividades das instituições, grupos ou atores sociais, ou seja, pode atender a múltiplos grupos de interesse na busca de soluções, e com rigor no seu desenho, na ética, na metodologia e na análise dos resultados. Então, a escolha de fazer uma pesquisa aplicada deve-se a esse olhar implicado e comprometido com as questões complexas que o território do Quingoma vem enfrentando no seu processo histórico de reconhecimento enquanto comunidade remanescente de quilombo e com direito de plena permanência, de dispor de condições de desenvolvimento local a partir do acesso a políticas públicas, e da promoção de atividades autogestionárias culturais, ambientais, sociais, políticas e econômicas como o turismo de base comunitária.

Assim, reafirma-se o que Gil (2018) aborda sobre pesquisa aplicada, de ter caráter emancipatório com relação às pessoas e às comunidades que a desenvolvem, e que fomenta a sua consciência crítica com relação ao processo de mudança que se quer implementar. E é dessa forma que se vem fomentando a implantação do turismo de base comunitária como proposta crítica (ao modelo convencional de turismo) e como atividade emancipatória que venha a incidir na autonomia dos comunitários quilombolas nos processos que impliquem no desenvolvimento local e sustentável do território.

## **2.1 Turismo de Base Comunitária e Desenvolvimento Local Sustentável.**

O turismo de base comunitária (TBC) vem sendo observado no Brasil desde a década de 90 como propostas alternativas de turismo ao modelo convencional de turismo voltado para o empresariado, para a economia de mercado e para grandes fluxos de visitantes. É uma modalidade de turismo desenvolvida em comunidades urbanas, favelas, assentamentos de reforma agrária, comunidades de povos do mar, comunidades extrativistas, comunidades quilombolas e kalungas, povos e comunidades de terreiros, comunidades indígenas e comunidades de imigrantes, e de outras formas de agricultura familiar.

Na Bahia, as iniciativas de TBC em comunidades quilombolas que se destacam são a Rota da Liberdade, em Cachoeira, a Grota Quilombola em Mirangaba, o Quilombo Jatimane em Nilo Peçanha, o Quilombo D'Oiti/Casa do Boneco de Itacaré e o Quilombo Remanso de Lençóis.

Como conceito em construção, não há consenso sobre o que se denomina como TBC no Brasil. Há uma polissemia adotada no seio da academia e na sociedade civil, que aponta caminhos ora mais próximos ora mais distantes da realidade das comunidades que realmente o praticam. Optou-se neste artigo por entender que turismo de base comunitária-TBC e turismo comunitário são sinônimos, assim como é o entendimento da maioria das comunidades e seus apoiadores que estão na Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – TURISOL.

A Rede TURISOL articula iniciativas locais do campo e da cidade, redes regionais, associações,

cooperativas, universidades, organizações não governamentais e agências de viagens em todas as regiões do país, dentre elas a Associação Projeto Bagagem, que já gerenciou a sua secretaria executiva e realizou uma série de formações pelo país. A Bagagem denomina o turismo comunitário como a:

[...] atividade turística que apresenta gestão coletiva liderada pela comunidade, transparência no uso e destinação dos recursos e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local...e onde a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza... (PROJETO..., 2011, p. 19).

Já segundo Bartholo, Bursztyn e Sansolo (2009) o turismo comunitário ou turismo de base comunitária-TBC é um turismo que visa a construir vínculos, tecer redes de relações e reafirmar identidades.

Costa (2013) afirma que o turismo de base comunitária é aquele que confere autonomia na tomada de decisão, direção e gestão, e no uso/propriedade dos serviços turísticos por uma comunidade e essa é a principal beneficiada pela atividade. Diz ainda que é um turismo de pequena escala, que democratiza oportunidades e benefícios e que apresenta o associativismo e o coletivismo como características. Ou seja, autogestão e protagonismo são elementos fundantes na oferta desse tipo de turismo.

Entende-se que os autores citados se complementam e espelham na literatura aquilo que acontece na prática em diferentes territórios do Brasil e da Bahia, onde a comunidade é sujeita do processo de visitação turística, tem gerado trabalho, renda complementares às atividades principais, tem fortalecido e integrado empreendimentos econômicos solidários e sistemas de produção tradicionais e de base agroecológica, e fomentado o protagonismo de jovens e mulheres e o resgate das manifestações culturais, dentre outros fatores positivos.

Vê-se também que nas comunidades que já recebem visitantes o turismo comunitário tem levado a uma visibilidade positiva na sociedade e na imprensa, aumentando a autoestima e o pertencimento das pessoas dessas localidades ao seu território, e contribuído para o seu enraizamento e valorização da sua cultura.

Buarque (2002) argumenta que o desenvolvimento local sustentável é um processo endógeno realizado pelos atores locais em que há o aproveitamento das potencialidades e capacidades locais e as oportunidades do contexto externo, ao mesmo tempo em que se busca atenuar as restrições ou fatores que o dificultam.

Pelas contribuições econômicas e não econômicas citadas neste estudo é que se pode inferir que o turismo de base comunitária pode ser considerada uma estratégia de desenvolvimento local sustentável, pois incide positivamente nas diferentes dimensões da sustentabilidade (econômicas, sociais, ambientais, políticas e culturais). Entendendo-se sustentabilidade como um processo nunca concluso e onde persegue-se o equilíbrio entre eficiência econômica, conservação ambiental e equidade social, conforme Costa anuncia (2013).

O Quilombo Quingoma reúne patrimônio natural, patrimônio cultural e identidade, que segundo Simões e Trevizan (2006) compõem um tripé básico de atração ou de resistência, que somados a uma organização social, à criatividade e a um espírito empreendedor pode-se desencadear um processo de desenvolvimento local sustentável através do turismo.

É importante salientar que várias comunidades quilombolas do Brasil tem intitulado o turismo de base comunitária que praticam como turismo étnico afro de base comunitária, para ressaltar que o

destaque da proposta é o aspecto cultural como atrativo base nas vivências das suas tradições e de seus costumes específicos, como afirmam Andrade, Maganhotto e Oliveira(2011). Mas isso, sem desconsiderar a possibilidade de envolver aspectos rurais, ecoturísticos e pedagógicos nas visitas, como observa-se no Quingoma, com a peculiaridade da abordagem do turismo étnico indígena na Reserva Thá-Fene, localizada em suas terras, onde habitam integrantes dos povos Kariri-Xocó e Fulni-Ô.

## **2.2 A construção de uma pesquisa aplicada no Quilombo do Quingoma.**

Na pesquisa aplicada busca-se a compreensão do contexto específico e suas problemáticas. Assim, tendo como base uma determinada matriz teórica e metodológica, o pesquisador estabelece junto com os demais sujeitos da pesquisa uma proposta de intervenção, tendo em vista a resolução de um determinado problema social. Neste prisma, entendemos que a pesquisa aplicada implica em um engajamento sócio-político, aqui entendido como a capacidade de imersão do pesquisador no lócus da pesquisa, bem como a sensibilidade e resiliência de afetar e ser afetado pelas angústias e anseios vivenciados pelos atores sociais da comunidade.

O ato de investigar nos levou no Quilombo do Quingoma ao desenvolvimento de uma prática intervencionista na qual sempre buscou-se reconhecer e valorizar os saberes locais dos Quilombolas. Sendo assim, realizamos junto com eles o Projeto: “Raízes do Quingoma”, que consistiu num ciclo de conversas realizado ao longo de 2017. Nestes encontros formativos, refletiu-se sobre o patrimônio histórico, cultural e ambiental da comunidade, o que possibilitou às lideranças partilharem conhecimentos sobre a sua realidade local em vários espaços, tais como escolas e órgãos públicos.

Estudantes, professores e pesquisadores que tiveram a oportunidade de participar desse ciclo de diálogos, aprenderam sobre histórias de vida, práticas culturais, processos de resistência, educação ambiental etc. Cada encontro desvendava aspectos importantes da rica memória coletiva desse povo aguerrido, sinalizando que a forma de realizar o caminho investigativo já era um modo de intervenção e que o propósito da pesquisa estava sempre alicerçado em uma ação político-pedagógica, sendo esta, por sua vez, também considerada fonte de conhecimento. Dessa maneira, o estudo ganhou cada vez mais características de uma pesquisa aplicada caracterizada por um engajamento sócio-político.

Durante o ano letivo de 2017 e 2018, desenvolveu-se junto com os alunos da Escola Estadual Kleber Pacheco uma série de aulas de campo no Quilombo. O objetivo era registrar as atividades culturais tecidas no cotidiano vivido da comunidade, bem como também refletir sobre os impactos socioambientais provocados pela especulação imobiliária.

Realizou-se também no dia 30 de maio de 2018 uma formação na escola municipal do Quingoma destinada aos professores e funcionários na qual fez-se uma síntese dos principais fundamentos legais de uma educação quilombola, bem como estimulou-se nos docentes o debate sobre a necessidade de uma maior integração entre escola e comunidade, tendo em vista o desenvolvimento local sustentável.

Durante o caminho investigativo, a partir da observação participante onde realizou-se um grupo focal com as principais lideranças locais, bem como aplicou-se um questionário que envolveu cinquenta famílias quilombolas, identificou-se a existência de diversas práticas sociais que são tecidas no seio das experiências cotidianas.

Tais saberes locais foram agrupados nas seguintes categorias: a) Manifestações Culturais; b) Registros e Memórias; c) Práticas esportivas d) Manifestações religiosas; e) Economia de Subsistência. Desse modo, a pesquisa revelou um conjunto de manifestações culturais que têm como base o Samba de Roda, a Capoeira, o Maculelê, o Torê indígena. e as Danças Afros. Várias outras



práticas sociais vêm sendo observadas como a gastronomia tradicional, os artesanatos e as estéticas de matriz africana e indígenas (roupas, cabelos, adereços) que são constituintes desse acervo cultural do Quingoma.

Notou-se, que estas práticas formam um “rizoma” criativo de saberes e poderes caracterizado por uma resistência histórico-cultural capaz de atribuir sentido e unidade ao grupo, reforçando identidades, enraizamentos, pertencimentos, valores e a própria história da comunidade.

Estas manifestações refletem as influências dos africanos que formaram o quilombo. Logo, tal conhecimento ancestral foi transmitido de geração a geração, ou seja, faz parte da memória social e histórica do grupo em seu processo permanente de reconstrução de si.

Apesar da diversidade de atividades identificadas, destaca-se neste artigo a prática do Samba de Roda, pois este saber ancestral emergiu com maior expressividade nas narrativas dos quilombolas. A fala de Rejane Pereira revela o quanto essa tradição inspira alegria, criação e transformação:

“ Olhe, eu posso estar como for, mas só escutar os tambores tocarem, ecoarem...eu fico plena...porque assim... com o Samba de roda a gente consegue agregar tudo, a gente consegue o momento da nossa fala, do nossa discurso, é quando a gente canta quem somos, por que somos e porque respeitamos os mais velhos” ( Rejane Pereira).

O samba de roda aparece como um rito transcendente de resistência e fé por meio do qual os quilombolas cantam suas histórias, educam os mais jovens e reverenciam os mais velhos.

Para Graeff (2013), o samba de roda pode exprimir vários significados e sentidos; Este autor salienta que a roda de samba é um rito onde o passado dos afro-brasileiros é lembrado e eternizado na roda. Nela se expressam valores, costumes, símbolos da comunidade advindos de negros africanos, indígenas e de senhores de engenho.

Com base na análise de conteúdo dos documentos oficiais da escola municipal do Quingoma, na observação participante e nas entrevistas que foram realizadas dentro do grupo focal, infere-se que o currículo escolar da escola não reflete o potencial formativo das práticas sociais quilombolas, em especial o samba de roda. Desse modo, com o intuito de impulsionar a pesquisa aplicada, criou-se juntamente com os quilombolas e professores, um seminário intitulado: “Aprendizagens em território Quilombola” para pensar em ações pedagógicas que possam inserir e valorizar as práticas sociais quilombolas no currículo escolar, promovendo, desta forma, o diálogo entre saberes comunitários e conteúdos escolares e científicos, objetivando a construção de processos de ensino-aprendizagem mais fecundos e contextualizados.

Outra atividade da pesquisa aplicada foi realizada no dia 14 de julho de 2018, na Casa do Samba para pensar e definir os detalhes de um programa de educação quilombola que envolvesse o Turismo de Base Comunitária, tendo em vista o desenvolvimento local sustentável.

De início, foi deliberada a criação de um coletivo intitulado “Quingoma” com a participação de quilombolas, indígenas e professores. Em seguida, o Coletivo discutiu e elaborou um roteiro de Turismo de Base Comunitária no qual integrou-se elementos do turismo étnico afro e indígena, do ecoturismo e do turismo pedagógico como destaques, tendo em vista a necessidade do fortalecimento das práticas sociais, a preservação do meio ambiente, a integração do Quingoma com a rede escolar e universitária de ensino e, por fim, a geração de trabalho e renda complementares para a comunidade baseado nos princípios da economia solidária. Com base no roteiro criado, algumas experiências foram realizadas e outras ainda estão em fase de planejamento. De acordo com as lideranças locais, o TBC que está sendo construído envolve processos de autoconhecimento, gestão social e solidária,

resistência e educação.

Nestas experiências, os turistas comumente ficam entusiasmados com a riqueza cultural, histórica e ambiental da comunidade.

O Roteiro de TBC, criado pela comunidade em parceria com o coletivo Quingoma, envolve quatro localidades consideradas pelas famílias locais como as de maior valor histórico e simbólico, a saber: a) Casa do samba; b) Capela São José e Feira de agricultura familiar; c) Reserva indígena Thafene; d) Espaço cultural D.ana. Em todas as etapas do roteiro, constatamos o protagonismo das mulheres que fazem a diferença e tecem histórias de resistência.

Na última experiência de TBC, participaram cerca de 90 pessoas de vários estados e municípios da Bahia nas margens da Estrada do Coco recepcionados na Casa do Samba. Uma dinâmica de integração e a fala da líder Rejane congregaram o grupo e o conduziu para um dia mais harmonioso, mesmo ouvindo o clamor contra as injustiças, tensões, conflitos, ameaças e outras vulnerabilidades e descasos que a comunidade sofre. O Quingoma existe, resiste e precisa de mais vozes e braços para sair do estado de invisibilidade no qual foi relegado. Tal estado caracteriza-se pelo abandono dos poderes públicos e da grande maioria da população, que desconhece o dia a dia das causas indígenas e quilombolas.

Da Casa do Samba foi-se para a feirinha da agricultura familiar, em frente a singela Igreja de São José, que além de artesanato, galinha caipira, hortaliças, pimentas, raízes, frutas, ovos de quintal, mudas e insumos orgânicos tinha acarajé, feijoada, sucos e água de coco.

Depois da feira, chegou-se ao sítio Reserva Thá-Fene, onde os indígenas promoveram uma experiência belíssima, de brasilidade, de integração com a natureza, com a cultura musical, espiritual, ritualística e do artesanato desses povos originários. Em seguida a vivência da gastronomia local com o almoço que também gerou renda para a comunidade. A apresentação de samba de roda foi após o almoço, assim como a visita às senhoras que guardam a história e as estórias do quilombo no terreiro ecumênico de Donana e a apresentação das beijuzeiras de Areia Branca e das meninas do Projeto Grãos de Areia. O fechamento foi com uma foto coletiva e uma troca de agradecimentos entre visitantes e visitados que caracteriza o TBC realizado fora dos moldes do turismo convencional, gerando os já mencionados benefícios econômicos e não econômicos.

Portanto, o povo do Quingoma revela com estas experiências de TBC que pode promover processos formativos de transformação e criação para visitantes e comunidade. Além de apontar para a construção de turismo enquanto estratégia de desenvolvimento sustentável. Vale destacar, que tal desenvolvimento perpassa pelo fortalecimento das lutas quilombolas e indígenas no tocante a defesa do território e o acesso a políticas públicas emancipatórias para uma vida digna e justa.

### **Considerações Finais.**

É desafiador traduzir em palavras a riqueza polifônica de vozes negras e indígenas que, durante todo esse processo investigativo, desnudou pensamentos, emoções, valores, identidades e representações enredadas na complexidade do viver humano. Muito da dimensão subjetiva desse trabalho escapa à escrita científica, ainda que tenhamos atribuído a esta um rigor outro de ordem quantitativa. Porém, este artigo não envolve apenas a reificação acadêmica pela ciência social da pesquisa aplicada no Quingoma e suas implicações no Turismo de Base Comunitária; ela se realiza e constitui, especialmente, na interação ética, solidária e dialética entre as vozes Quilombolas, indígenas, escolares e universitárias que, imbricadas no cotidiano, buscam a transformação social e a emancipação humana na utopia de que um mundo mais justo e igualitário seja possível.

Aprender com os Quilombolas e indígenas que foram e são marginalizados ao longo da história, nos

levou a momentos de muita reflexão, alegria e introspecção. A cada visita ao Quilombo, algo em nós se modificava.

Fomos sensibilizados por estas vozes que ecoam histórias, lendas e memórias de luta, superação e entusiasmo pela vida. Aprendemos com os Quilombolas e indígenas a respeitar a natureza na sua dimensão sagrada, na qual até mesmo “as rochas e árvores exalam poesia”, como sinaliza o pensamento do poeta Rumi. Aprendemos com a poética mística do Quilombo a reconhecer o ambiente natural como extensão do nosso próprio corpo, da nossa própria alma.

Durante o nosso processo de imersão na comunidade, uma questão emergiu como pedra angular das nossas inquietações: Qual a importância da pesquisa aplicada para o desenvolvimento do TBC no Quilombo do Quingoma? Tal problemática nos impulsionou na construção desse trabalho.

Conclui-se que o presente estudo atingiu seu objetivo ao demonstrar o potencial da pesquisa aplicada no Quingoma, que ao evidenciar as práticas sociais locais, como o samba de roda, contribui para que o Turismo de Base Comunitária, possa vir a ser uma estratégia de desenvolvimento local sustentável, como ficou evidenciado nas duas vivências realizadas.

A soma dos aspectos étnicos afro, étnicos indígenas, rurais, ecoturísticos e pedagógicos, especialmente como práticas sociais dos sujeitos quilombolas, formatados enquanto proposta turística crítica e alternativa ao modelo de turismo convencional pode tornar o TBC do Território Quingoma uma referência para processos semelhantes em outras regiões do Estado e do Brasil.

Essa proposta deve continuar a ser construída com assessoria de equipe multidisciplinar e sob liderança dos próprios quilombolas, e baseada nos pressupostos da economia solidária, da educação quilombola e do campo para garantir o seu caráter político-pedagógico emancipatório.

Sendo assim, para complementar e fortalecer essa ideia de turismo, sugerimos um programa de desenvolvimento da produção associada ao turismo (artesanatos, gastronomia, músicas, danças, produtos agroecológicos e pequenas agroindústrias) apoiado nas identidades quilombola e indígena, na ecogastronomia e na autogestão para que os próprios comunitários definam as linhas de produtos e serviços que possam trazer além do trabalho e da renda, a elevação da autoestima, do pertencimento e da defesa do território.

Sugere-se também ao poder público municipal que desenvolva e articule processos formativos que contribuam para a qualificação dos serviços já desenvolvidos na comunidade tanto de TBC como da sua produção associada, e que a comunidade participe ativamente da construção do marco legal da Lei de Turismo Comunitário da Bahia em tramitação na Assembleia Legislativa do estado e dos eventos do movimento pelo turismo de base comunitária da Bahia e da Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário-TURISOL.

## Referências

CARDOSO, Tássio Simões. **Vozes do Quingoma: Processos formativos e tecnológicos como contributos para o diálogo entre currículos praticados e escolares.** 2018. 129f.II. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual da Bahia. 2018

FERRAÇO. (Org.). **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires.** Rio de Janeiro: Rovellet, 2012.

GRAEFF, Nina. **Samba de Roda: comemorando identidades afro-brasileiras através da performance musical.** Paris, 2013.

HETKOWSKI, Tânia Maria. **Educação e Comunicação: diálogos contemporâneos e novos espaços de reflexão.** 2006. Disponível em:  
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/165/1/Educacao%20e%20contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 05 dezembro de 2017.

COSTA, H. **Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2013. 166 p.

PROJETO BAGAGEM. **Semeando o turismo comunitário pelo Brasil.** São Paulo: Projeto Bagagem, 2011. 29 p. (Série Turisol de Metodologias – Turismo Comunitário – Parte 1).

ANDRADE, A.; MAGANHOTTO, R.; OLIVEIRA, O. **Turismo e Sustentabilidade em Comunidade Quilombola.** Guarapuava: Unicentro, 2011. 152 p.

BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I.; SANSOLO, D. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. 508 p.

ANDRÉ, M.; LÜDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015. 114 p.

BUARQUE, S. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 177 p.

GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2018. 176 p.

FLEURY, M.; WERLANG, S. **Pesquisa Aplicada: conceitos e abordagens.** 2017. Disponível em:  
<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/apgvpesquisa/article/download/72796/69984>. Acesso em 13 de junho de 2019.

RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO DE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA QUINGOMA. MUNICÍPIO DE LAURO

DE FREITAS / BA. **Relatório Final: minuta** – agosto de 2016 – INCRA

SIMÕES, M.; TREVIZAN, S. Global e Local: conflito ou complementaridade. In: TREVIZAN, S. (Org.). **Comunidades Sustentáveis a partir do Turismo com base local**. Ilhéus: Editus, 2006. 324 p.

SILVA, Patrícia Conceição. **A Educação Ambiental Crítica na Perspectiva Socioambiental: Um Estudo de Caso em uma Escola Particular de um Município da Bahia**. Lavras: editora, 201